

# DA (IN)DEFINIÇÃO DAS PRÁTICAS COLABORATIVAS AO “ENSINO EXPLÍCITO”, NO PROJETO FÊNIX

DANIELA GONÇALVES

Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano, ESE de Paula Frassinetti Porto, Portugal

[daniela@esepf.pt](mailto:daniela@esepf.pt)

## RESUMO

O Projeto Fénix surgiu em 2008, no AE Campo Aberto, Beiriz – Póvoa de Varzim, no Ensino Básico, resultante de uma forte motivação em proporcionar condições para que todos os alunos pudessem efetuar aprendizagens e consolidar saberes. Mais do que apenas combater o insucesso escolar, é objetivo do Projeto procurar compreender quais as variáveis que mais implicações têm nesse sucesso, qualificando-o e atribuindo-lhe novas dimensões e horizontes de sustentabilidade. É um desafio ambicioso que exige, para além de determinação, rigor e trabalho de equipa, com os quais alunos, professores e pais se comprometem, um conhecimento aprofundado sobre cada uma dessas variáveis (cf. nomeadamente Moreira (2014) e Azevedo & Alves (Orgs.) (2010)). É neste contexto, e tendo como pressuposto que os professores devem agir com autonomia profissional, com poder de decisão sobre a ação e com capacidade e responsabilidade para organizar do melhor modo, em cada circunstância, o trabalho escolar, individual e coletivamente, que serão enquadradas as oportunidades resultantes da (in)definição de práticas colaborativas, nomeadamente no que respeita ao “ensino explícito”, enquanto estratégia de ensino sequencialmente estruturado e integrado, no qual o professor intencionalmente busca apoiar a aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:** práticas colaborativas; “ensino explícito”; projeto Fénix

## INTRODUÇÃO

José Gil começa assim a sua obra, Portugal, Hoje. O Medo de Existir: “É a vida. Esta frase com que o apresentador da RTP termina amiúde o Jornal da Noite dá o tema do ambiente mental em que vivemos. Dar o tom significa muito mais do que sugerir ou indicar uma direção da leitura. Na realidade, constitui por si só uma visão do mundo e, mais importante, toda uma visão de nós mesmos, da nossa vida enquanto (tele)espectadores do mundo” (2004:7). Este é o mote ideal para iniciar esta reflexão, já que consideramos que a expressão - é a vida - conduz-nos ao ambiente em que muitos professores vivem: resignação que leva à impotência, à passividade, à inércia e ao imobilismo.

Há vários anos que acompanhamos pessoas na sua prática pedagógica, presenciando e presentindo algumas pequenas transcendências que constituem o efeito profundo do imperativo metafísico-moral: a pessoa é colocada dentro do mundo mas ao mesmo tempo acima dele, como se o vivesse não o vivendo, neutralizando, desta forma, a ação e o pensamento. Tal perspetiva impulsionou outras notas reflexivas, nomeadamente a questão do(s) sentido(s), alicerçadas em dois princípios que estão dentro da educação

(ou do mundo) mas ao mesmo tempo acima dela. Recordo muitos dos momentos - estes surgem como tempos de reencantamento pela vida e pela educação, pela luta, pelo esforço, pela resistência por “outro mundo é possível” ou pela possibilidade de “outra educação”. Quando pensamos nesses espaços e tempos, recordamos a certeza de que algo estava a acontecer e ainda acontece, embora não sejam coisas muito visíveis. As respostas encontradas não foram muitas - talvez haja sempre mais perguntas do que respostas. Contudo, há a sensação de algo maravilhoso estar a acontecer... Há a crença de que “outro mundo é possível”.

É isto que une tantas pessoas! O desejo de transformar o mundo e a educação com as suas vidas, no sentido de contribuir para uma sociedade mais feliz, mais produtiva, mais justa, mais bela, mais sustentável. Mesmo não tendo muitas certezas, acreditamos no “mundo como possibilidade”, como defendia Paulo Freire (2007). Acreditamos que os professores não podem ser correias de transmissão de decisões de outros ou distribuidores de conhecimentos, mas antes profissionais do humano, sujeitos de cultura e da sua história, analistas críticos, interpeladores, da realidade e sujeitos do sentido do seu próprio processo (e não só!).

Mas, não basta afirmar que outro mundo é possível ou que outra educação é possível. É preciso mostrar como. Educar para outros mundos possíveis, é o grande “lema”... E as estratégias que utilizamos, tendo em conta um modelo educacional que compreende um equilíbrio entre competência e sentido: uma formação reflexiva que assenta numa atitude de questionamento sustentado por uma vontade de melhor agir para melhor conhecer; referentes teóricos de análise, saberes e teorias públicas; um domínio das metodologias apropriadas; um encorajamento e apoio (suporte afetivo - motivacional); perguntas pedagógicas (descrição, interpretação, confronto e reconstrução). Com que finalidade? De conhecer e conhecer-se para agir em situação, porque afinal ser professor reflexivo (sem medo de existir) é, na nossa perspetiva, agir, pensando; é saber quem se é; é compreender as razões do nosso agir; é ter consciência do lugar que ocupamos; é ser-se comprometido, livre e responsável. Trata-se, portanto, de educar e refletir para e sobre essa educação necessária para um outro mundo possível: o outro mundo possível é um mundo de aprendizagem em rede e em colaboração. O nosso mundo possível é um mundo onde todos podem perguntar e construir em conjunto.

## PROJETO FÉNIX: CONTEXTUALIZAÇÃO

Concebido para concretizar o desígnio da “Escola para Todos”, o *Projeto Fénix* visa a promoção do sucesso escolar e encara de frente o problema da equidade e da inclusão educativa.

Baseado no princípio fundamental de que todas as crianças deveriam ter direito à educação, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças, que as escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades dos seus alunos, adaptando tanto estilos como ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade a todos, através de currículo apropriado, modificações organizacionais necessárias, estratégias de ensino, uso de recursos humanos e parcerias com a comunidade envolvente, com este projeto é a escola e a sua organização que se têm de adequar às necessidades dos alunos e de cada aluno.

A este propósito, destacamos um dos principais objetivos do *Projeto Fénix*, a saber: promover o “sucesso plural”, isto é, sucesso entendido numa aceção multidimensional de realização do aluno - não há um mas vários sucessos e importa que cada escola promova as diversas dimensões do sucesso académico, sócio emocional, relacional e comportamental. O papel da escola não se deve restringir à mera transmissão de conhecimentos. A função formativa ao nível do processo de desenvolvimento,

necessariamente multidimensional, da criança, exige uma visão mais abrangente. Nesta perspetiva, a ação da escola, enquanto formadora, só é possível recorrendo a saberes, competências e processos complementares e articulados, com a intervenção de especialistas em diversas áreas.

O *Projeto Fénix* surgiu em 2008, no AE Campo Aberto, Beiriz – Póvoa de Varzim, no Ensino Básico, resultante de uma forte motivação em proporcionar condições para que todos os alunos pudessem efetuar aprendizagens e consolidar saberes. Portanto, mais do que apenas combater o insucesso escolar, é objetivo do Projeto procurar compreender quais as variáveis que mais implicações têm nesse sucesso, qualificando-o e atribuindo-lhe novas dimensões e horizontes de sustentabilidade. É um desafio ambicioso que exige, para além de determinação, rigor e trabalho de equipa, com os quais alunos, professores e pais se comprometem, um conhecimento aprofundado sobre cada uma dessas variáveis - cf. nomeadamente Moreira (2014) e Azevedo & Alves (Orgs.) (2010). Neste artigo, o nosso foco está centrado no trabalho colaborativo entre os profissionais de educação.

## DA (IN)DEFINIÇÃO DAS PRÁTICAS COLABORATIVAS AO “ENSINO EXPLÍCITO”

Entende-se que o desenvolvimento profissional encontra fundamento e alicerces numa comunidade aprendente, onde a reflexão faz parte das práticas docentes, não esquecendo momentos de autoavaliação e heteroavaliação – instrumentos essenciais na redefinição de trajetórias. É importante cooperar para aprender, num contexto de aprendizagem por pares, assente na igualdade, na confiança e no compromisso e com uma definição das práticas colaborativas (Vieira, 2014). Ora, no âmbito do *Projeto Fénix*, um dos grandes desafios educacionais consiste na promoção de uma cultura de colaboração num espírito de colegialidade como uma forma de organização social baseada na participação partilhada de todos os seus membros, contrastando com uma estrutura hierárquica e piramidal. É, então, necessário contribuir para o desenvolvimento de profissionais transformadores, promotores de uma sociedade que valorizará a equidade, a participação e a justiça social. Esta forma de trabalhar – em rede, entre pares, colaborativamente – fomenta a consciencialização do trabalho que se realiza e as referências do mesmo – “Ensino Explícito”.

De acordo com Azevedo *et al.* (2014: 31), “a questão do “ensino explícito” surge na literatura referenciada como um elemento do processo de escola e de sala de aula, que deve não só estar acessível a todos os alunos, como também fazer parte dos dispositivos pedagógicos para recuperar aprendizagens não conseguidas no momento desejado”.

De acordo com Lima (2008), esta forma de ensinar, explicitamente, contempla a prática consciente e consistente de uma organização clara de cada aula e, conseqüentemente, da intervenção educativa e da intencionalidade pedagógica, tendo em conta as adequações necessárias aos estilos e ritmos de aprendizagens de cada aluno. Deste modo, o trabalho colaborativo promove este tipo de ensino, uma vez que, em momentos de partilha, o próprio docente é confrontado com a sua prática que, no caso da participação neste projeto, muitas vezes é reconfigurada. Para além disto, as dinâmicas colaborativas e de partilha proporcionam uma aprendizagem em rede que são um dos pilares fundamentais do *Fénix*. Assim, as instituições educativas que acolhem o projeto “terão de criar condições para que os professores desejem e sejam capazes de olhar criticamente a sua experiência educativa” (Vieira, 2014: 23).

Esta capacidade de entender criticamente a experiência educativa passa, inevitavelmente, pelo trabalho colaborativo e pelo “Ensino Explícito”. O ensino “explícito e sistemático” pode definir-se “como

a formalização de uma estratégia de ensino estruturado em etapas sequenciais e fortemente integradas, em que o professor, de modo intencional, procura apoiar a aprendizagem dos alunos através de uma série de ações organizadas em torno de três momentos: (i) a preparação e planificação, (ii) a interação com os alunos e o ensino propriamente dito e (iii) o acompanhamento, a avaliação, o feedback e a consolidação” (Azevedo *et al.*, 2014: 34). No âmbito do Fénix, esta gestão das aprendizagens cruza-se com o trabalho colaborativo, a gestão da sala de aula: organizar os grupos, estabelecer as regras e desencadear as atividades, tendo em conta não só o nível de competência dos alunos, como a complexidade das tarefas a cumprir e o tempo disponível.

Eis o desafio a todos os professores: “competência para se desenvolver como participante autodeterminado, socialmente responsável e criticamente consciente em (e para além de) ambientes educativos, por referência a uma visão da educação como espaço de emancipação (inter) pessoal e transformação social” (Jiménez Raya *et al.*, 2007:2).

Considerando este quadro concetual que o Projeto *Fénix* exige, os professores devem agir com autonomia profissional, com poder de decisão sobre a ação, com capacidade e responsabilidade para organizar do melhor modo, em cada situação, o trabalho escolar, individual e coletivamente/colaborativamente - desde os grupos de alunos aos métodos, desde as aulas até aos “ciclos de aprendizagem” – reconhecendo e divulgando o seu modo de ensinar que terá consequências no modo de cada um(a) aprender.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire (2007) faz-nos sonhar e acreditar, porque refletia a partir de um ponto de vista - o indivíduo-em-situação - , segundo o qual podemos pensar um novo paradigma humanitário e educacional, o sonho de um outro mundo possível, necessário e melhor. Este novo paradigma (holístico) opõe-se a uma visão antropocêntrica e faz da educação um espaço de formação crítica, uma aprendizagem que se vai construindo com outros modos de ser e de estar, progressivamente mais esclarecidos, mais colaborativos e explícitos, mais conscientemente controlados e desse modo mais gratificantes, quer pessoal, quer profissionalmente. Portanto, na nossa perspectiva, este sonho inscreve-se no pressuposto da construção intrapessoal do conhecimento, através da ação/reflexão interpessoal, na resolução de situações concretas, integrando o conhecimento teórico referencial e o quadro pessoal de representações com conhecimento emergente da prática e que, como é óbvio, só nela reside. Deste modo, fundem-se teoria e prática num exercício de reflexividade que cumpre uma finalidade epistémica de construção partilhada e implicada de saberes. Nesta perspetiva, e no âmbito do *Projeto Fénix*, insistimos num exercício de uma orientação reflexiva, ecológica, dialógica e, como tal, necessariamente ajustada caso a caso - modelo aberto e flexível que respeita o direito à diferença e, conseqüentemente, permite processos evolutivos diferenciados que conduzirão a atos de ensino conscientes e responsáveis. Mas é algo necessariamente inacabado e susceptível de (auto)regulação constante, através de uma persistente atitude de questionamento, quer individualmente, quer com o grupo de pares. Enfim, é perguntando que o construiremos.

Algumas das medidas que apontam para a introdução de alterações, perspetivando o ato de aprender e o de ensinar à luz de um novo paradigma didático-pedagógico, dinamizado por novos conceitos de educação, novas competências, atributos e capacidades, têm sido justificadas pelas profundas transformações que a sociedade atual atravessa, exigindo o reequacionar do papel da escola e a reestruturação dos processos de ensino e de aprendizagem. Requerem, portanto, uma “outra” escola. As exigências a que aludimos implicam uma procura de respostas a aspetos essenciais que se constituem, hodiernamente, como desafios ao exercício da profissionalidade docente, como são, nomeadamente, a

diversidade de contextos institucionais em que decorre o ato educativo e as exigências da sua natureza comunicacional e intencional. Ora, e na sequência do atual contexto, parece-nos evidente que a ideia de desenvolvimento profissional reclama que a teoria e a prática se interliguem, suportando um exercício da docência fundamentado e em permanente (re)construção ao longo de toda a carreira, visto que a capacitação para o exercício da atividade profissional é um processo centrado na complexidade dos aspetos cognitivos, afetivos e relacionais de cada professor, envolvendo múltiplas etapas, largamente influenciadas pelo contexto.

Hoje, o desenvolvimento profissional é uma exigência incontornável (Zeichner, 2010) e, por tal, torna-se necessário um processo de desenvolvimento profissional capaz de gerar a transformação da prática docente dos professores, enquanto corresponsáveis pela operacionalização do projeto educativo próprio de cada instituição educativa. A (re)configuração ou a transformação das práticas, por sua vez, impõe o recurso a estratégias que pressupõem o desenvolvimento eficaz e enriquecedor de processos de interação teórico-prática que potenciem a reflexão (sobre o que se faz, como se faz, porque se faz; quais os resultados do que se fez, porquê esses resultados e como fazer para os aperfeiçoar). Este novo modo de entender a prática (*Fénix*) assenta numa atitude de questionamento, sustentado por referentes teóricos de análise, pela vontade de melhor conhecer e melhor agir e, ainda, pelo domínio das metodologias apropriadas, sem descurar todas as pontencialidades resultantes do trabalho colaborativo, nomeadamente no que diz respeito ao “Ensino Explícito”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo *et al.* (2014). *O que desencadeia o sucesso em alunos com baixo rendimento escolar, no Projeto Fénix*. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti; Universidade Católica Portuguesa
- Azevedo, J. & Alves, J. M. (Orgs.). (2010). *Projecto Fénix Mais Sucesso para todos. Memórias e dinâmicas de promoção do sucesso escolar*. Porto: FEP/UCP
- Freire, P. (2007). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra
- Gil, J. (2004). *Portugal, Hoje. Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água Editores
- Jiménez Raya, M., Lamb, T. & Vieira, F. (2007). *Pedagogy for autonomy in language education in Europe – towards a framework for learner and teacher development*. Dublin: Authentilk
- Lima, J. A. (2008). *Em busca da boa escola. Instituições eficazes e sucesso educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão
- Moreira, L. (2014). *Projeto Fénix - Sentidos de um projeto emergente: A constituição de caminhos conducentes ao sucesso escolar*. Porto: UCP
- Vieira, F. (Org) (2014). *Quando os professores investigam a Pedagogia. Em busca de uma educação mais democrática*. Ramada: Edições Pedagogo
- Zeichner, K. (2010). *La formación del profesorado y la lucha por la justicia social*. Madrid: Morata